

O cancionero de Castro Alves

As melodias são para os poemas como as asas dos pássaros. Servem para fazê-los voar. Como tendemos a separar as coisas, talvez nos custe perceber o vigor com que, unidas em um só corpo, essas canções-asas-pássaros-poemas percorrem o espaço e o tempo. Para isso e por isso, vão se moldando no processo de transmissão oral que lhes é natural e próprio, constituindo proles, famílias de variantes, cujas instâncias, legitimadas pelo carinho do povo, são tão autênticas e verdadeiras quanto a pristina versão que se perdeu no tempo.

Anônimas, a maioria das vezes, ou até mesmo folclorizadas, as melodias aqui representadas, eventualmente registradas por pesquisadores e amadores dedicados¹, foram certamente cantadas e transmitidas por pessoas que as prezaram. Temos grande débito com essas pessoas, pelo seu legado, e um dever de dar-lhe continuidade neste disco. Mas o propósito que o anima e o torna excepcional é o de uma leitura atual desse material, como coisa viva que é, dando-lhe o melhor tratamento artístico possível.

Mesmo no caso de autoria conhecida, de compositores como Fábregas², da versão gravada de “O Gondoleiro do Amor”, ou de Xisto Bahia³, de “A Duas Flores”, ou mesmo, bem mais recentemente, de João Pernambuco⁴ e sua versão de “Canção do Violeiro”, o fenômeno das variantes e da transmissão oral ainda assim toma o lugar das partituras de que não dispomos ou que o povo não leria se as tivesse. Num caso ou noutro, como o de Gomes Faro, temos uma versão impressa e um belo acompanhamento que acatamos, para “A Cruz da Estrada”. Normalmente, os arranjos, a maioria dos quais improvisados, desenvolvem elementos latentes nas melodias, mesmo os que apenas se renovam e se revelam aos ouvidos contemporâneos.

Compositores de escola também contribuíram para o cancionero de Castro Alves. Notavelmente, Ernst Widmer⁵, propondo-se a neutralizar a doçura das modinhas, acaba por injetar-lhes uma enorme intensidade expressiva e uma atmosfera indescritível, ao mesmo tempo seca, deserta e nua. Mais surpreendente e animador é o interesse que a poesia lírica de Castro Alves continua despertando entre os mais jovens. Dois deles, Luciano Bahia, autor de um “fado”, e Ricardo Bordini, com seu “lundu”, ambos músicos

1

Entre estes, Júlia de Brito Mendes, Esther Pedreira, João Baptista Siqueira, Alayde Miranda Fortes, Maria Augusta Calado e, sempre disponível para as informações mais diversas, Mercedes Reis Pequeno.

² Sabemos pouco sobre Salvador Fábregas. Compositor de cavatinas, modinhas, valsas e quadrilhas, foi cantor da Capela Imperial, no Rio de Janeiro, de 1850 a 1857, e professor de canto e piano de 1848 a 1857.

³

Xisto Bahia (1841-1894), ator, compositor e cantor baiano, foi um dos pioneiros de nossa música popular.

⁴ João Pernambuco (João Teixeira Guimarães, 1883-1947) foi, com Catulo da Paixão Cearense, um dos iniciadores da canção sertaneja em nossa música popular, por volta de 1911-1913. “Canção do Violeiro” tem ecos de “Luar do sertão”.

⁵ Suíço naturalizado brasileiro, Widmer (1927-1990), compositor de vastos recursos, foi o mentor do aclamado Grupo de Compositores da Bahia.

bem ao corrente das tendências de hoje, demonstram em suas peças inéditas a fragilidade das barreiras entre o popular e o erudito, tanto mais se o elo de ligação é a poesia viril, de amor sem medo, do grande trovador.

Já se disse que Castro Alves é o poeta da canção, sua grande obra não apenas a que transita nos ciclos acadêmicos, mas a cantiga, a modinha, a canção dos salões, dos teatros e das ruas, que prenderam a alma brasileira ao céu estrelado que a cobre⁶. Andréa Daltro, afortunadamente, nos dá uma prova disso.

Manuel Veiga

⁶

H. Lopes Rodrigues Ferreira, *Castro Alves*, 3 vols. (Rio de Janeiro: Pongetti, 1919-1948), p. 1301.